

AINDA PRECISAMOS FALAR DE PANDEMIA? PROFESSORAS E MÃES EXPERIMENTANDO MODOS DE FAZER EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Shirley Pimentel de Souza¹

*Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia,
Departamento de Antropologia, Campinas, SP, Brasil*

Naita Aparecida Nunes de Lima²

*Rede Municipal de Educação de Serra do Ramalho, Escola Municipal Airton Senna,
Serra do Ramalho, BA, Brasil.*

Simone Nunes de Souza Rodrigues³

*Rede Municipal de Educação de Bom Jesus da Lapa, Escola Municipal
Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, Bom Jesus da Lapa, BA, Brasil*

RESUMO

Em maio de 2023 a Organização Mundial de Saúde decretou o fim da Pandemia de Covid-19. A pandemia escancarou desigualdades sociais e ético-raciais, causou muito sofrimento pelas vidas perdidas e provocou consequências no campo da educação que provavelmente ainda não temos a dimensão de sua magnitude. Porém, neste texto queremos falar, sobretudo, sobre as experimentações de formas de fazer Educação Escolar Quilombola em meio às *ruínas do capitalismo* (Tsing, 2019). Falamos a partir do território Velho Chico, no estado da Bahia, e dos caminhos trilhados enquanto quilombolas, professoras e pesquisadoras durante a pandemia da Covid-19. Abordaremos sobre as limitações impostas pela ausência de política educacional efetiva nos territórios quilombolas e evidenciaremos caminhos trilhados por professoras e mães para a manutenção do vínculo escolar, das redes de afeto e da

¹ Pesquisadora quilombola vinculada ao Laboratório de Pesquisa e Extensão com Povos Tradicionais, Ameríndios e Afro-americanos, LaPPAA/UNICAMP e ao Núcleo Afro/CEBRAP. Servidora do IFBA campus Barreiras. Graduada em Pedagogia (UNEB), mestra em Educação (UFBA) e doutoranda em Antropologia (Unicamp). E-mail: shirley.preta@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8031-906X>

² Professora quilombola da rede municipal de educação de Serra de Ramalho, graduada em Pedagogia e especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Militante na Central Regional de Quilombos – Velho Chico e no Coletivo Marilene Matos. E-mail: naytanunes@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6297-9919>

³ Professora quilombola da rede municipal de educação de Bom Jesus da Lapa, graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/UAB), especialista em Educação do Campo pelo IFBAIANO campus Bom Jesus da Lapa. E-mail: souzasimonebjl@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5094-0962>

aprendizagem, mobilizando e relacionando saberes tradicionais e as novas tecnologias da informação e comunicação para fazer acontecer a Educação Escolar Quilombola.

Palavras-Chave: Quilombo; Educação Básica; Pandemia; Prática Pedagógica.

DO WE STILL NEED TO TALK ABOUT THE PANDEMIC? TEACHERS AND MOTHERS EXPERIMENTING WITH WAYS OF DOING QUILOMBOLA SCHOOL EDUCATION

ABSTRACT

In May 2023, the World Health Organization declared an end to the Covid-19 pandemic. The pandemic has exposed social and ethical-racial inequalities, caused a great deal of suffering due to the lives lost and has had consequences in the field of education that we probably still don't realize the magnitude of. However, in this text we want to talk above all about experimenting with ways of doing Quilombola School Education amid the *ruins of capitalism* (Tsing, 2019). We are talking about the Velho Chico territory, in the state of Bahia, and the paths taken as quilombolas, teachers and researchers during the Covid-19 pandemic. We will address the limitations imposed by the lack of effective educational policy in quilombola territories and highlight the paths taken by teachers and mothers to maintain the school bond, networks of affection and learning, mobilizing and relating traditional knowledge and new information and communication technologies to make Quilombola School Education happen.

Keywords: Quilombo; Basic Education; Pandemic; Pedagogical Practice.

¿HAY QUE SEGUIR HABLANDO DE LA PANDEMIA? PROFESORES Y MADRES EXPERIMENTAN FORMAS DE EDUCACIÓN ESCOLAR QUILOMBOLA

RESUMEN

En mayo de 2023, la Organización Mundial de la Salud declaró el fin de la pandemia de Covid-19. La pandemia ha puesto en evidencia las desigualdades sociales y ético-raciales, ha causado mucho sufrimiento por las vidas perdidas y ha tenido consecuencias en el campo de la educación de las que probablemente aún no somos conscientes de su magnitud. Sin embargo, en este texto queremos hablar sobre todo de experimentar formas de hacer Educación Escolar Quilombola en medio de las *ruinas del capitalismo* (Tsing, 2019). Hablamos del territorio de Velho Chico, en el estado de Bahía, y de los caminos que hemos recorrido como quilombolas, profesores e investigadores durante la pandemia del Covid-19. Abordaremos las limitaciones impuestas por la falta de una política educativa eficaz en los territorios quilombolas y destacaremos los caminos recorridos por profesores y madres para mantener el vínculo escolar, las redes de afecto y aprendizaje, movilizando y relacionando los saberes tradicionales y las nuevas tecnologías de información y comunicación para hacer posible la Educación Escolar Quilombola.

Palabras-clave: Quilombo; Educación Básica; Pandemia; Práctica Pedagógica.

DEVONS-NOUS ENCORE PARLER DE LA PANDÉMIE? DES ENSEIGNANTS ET DES MÈRES EXPÉRIMENTENT DES FAÇONS DE FAIRE DE L'ÉDUCATION SCOLAIRE EN QUILOMBOLA

RÉSUMÉ

En mai 2023, l'Organisation mondiale de la santé a déclaré la fin de la pandémie de Covid-19. La pandémie a révélé des inégalités sociales et éthico-raciales, a causé beaucoup de souffrance en raison des vies perdues et a eu des conséquences dans le domaine de l'éducation dont nous ne mesurons probablement pas encore l'ampleur. Cependant, dans ce texte, nous voulons surtout parler de l'expérimentation des moyens de faire de l'éducation scolaire Quilombola au milieu des *ruines du capitalisme* (Tsing, 2019). Nous parlons du territoire de Velho Chico, dans l'État de Bahia, et des chemins que nous avons parcourus en tant que quilombolas, enseignants et chercheurs pendant la pandémie de Covid-19. Nous aborderons les limites imposées par l'absence de politique éducative efficace dans les territoires quilombolas et mettrons en évidence les voies empruntées par les enseignants et les mères pour maintenir le lien scolaire, les réseaux d'affection et d'apprentissage, en mobilisant et en mettant en relation les connaissances traditionnelles et les nouvelles technologies de l'information et de la communication pour faire de l'éducation scolaire quilombola une réalité.

Mots-clés: Quilombo; Éducation de base; Pandémie; Pratique pédagogique.

INTRODUÇÃO

A escola, para a maioria dos territórios quilombolas, tem outros significados além da sala de aula e da escolarização formal. Geralmente a luta pela escola está atrelada à luta política pelo território quilombola (Silva, 2016). É na escola onde acontecem as reuniões, os festejos e as comemorações escolares, que são de toda a comunidade, e diversas formas de sociabilidade entre as comunidades perpassa também pelo espaço escolar. No território Velho Chico⁴, de onde falamos, o fechamento temporário das escolas teve

⁴ O território identidade é uma divisão político-administrativa usada pelo estado da Bahia, agregando municípios que possuem características culturais, sociais, geográficas e econômicas em comum. O território Velho Chico fica situado na região oeste do estado da Bahia, sendo marcado pelas relações com o rio São Francisco e tem uma grande presença de comunidades quilombolas.

impactos não somente na educação, mas em toda a dinâmica das comunidades. Mas, além de ausências, a situação de emergência de saúde pública causada pela pandemia da Covid-19 fez emergir outras formas de se relacionar com a escola e seus processos educativos. Este texto é uma narrativa de experiências de três mulheres quilombolas a partir das vivências e experimentações de docência, maternidade e pesquisa ao longo da pandemia, que durou de março de 2020 a maio de 2023. Falaremos sobretudo do período de fechamento das escolas nas comunidades quilombolas de Barreiro Grande e Rio das Rãs, mas apontando para as formas de fazer Educação Escolar Quilombola (EEQ) que foram construídas neste período, prioritariamente por mães e professoras quilombolas em seus territórios.

Não queremos aqui romantizar ou minimizar os impactos da pandemia na vida das comunidades, mas direcionar o foco de análise para as adaptações, subversões e (re)criações que permitiram a manutenção dos modos de vida locais, as baixas taxas de contágio do vírus nas comunidades, a manutenção de vínculo das crianças e jovens com a escola e o fortalecimento das relações entre famílias e escola. Trata-se ainda de um esforço coletivo para evidenciar o papel das professoras quilombolas na efetivação desta modalidade de ensino e como, a despeito da falta de investimento do Estado, elas têm implementado a Educação Escolar Quilombola em seus territórios.

Na comunidade de Barreiro Grande era comum ouvir as pessoas falarem: “a pandemia não chegou aqui”. Isso significava não somente a ausência de casos confirmados da doença, mas, sobretudo a pouca alteração nas dinâmicas locais relacionadas à agricultura, à pesca, as sociabilidades internas e festividades religiosas. Com isso, os decretos que definiam o impedimento de abertura das escolas nem sempre eram compreendidos localmente.

Nesta comunidade, assim como em muitas outras na região, não ocorreu o isolamento social, de modo que seus moradores mantiveram suas atividades comunitárias rotineiras e circulavam normalmente pelo território. Em sua dinâmica local, a comunidade também não vivenciou os principais

impactos da pandemia que eram comumente reportados nas redes sociais e telejornais, como inúmeros casos da doença, a correria das grandes cidades para estocar alimentos e a suspensão das atividades culturais. Chama-nos a atenção, por exemplo, o relato de que, no ano de 2021, a comunidade, que tradicionalmente celebra a festividade religiosa do padroeiro – a “festa de Todos os Santos” –, teve um dos maiores públicos já registrados pela memória coletiva local.

Conforme enfatizado, não queremos romantizar essa experiência ou minimizar as mais de 700 mil vidas perdidas em razão da Covid-19. No entanto, chamamos a atenção para como os diversos grupos experienciaram a pandemia de formas diferentes. A dinâmica vivenciada pela comunidade de Barreiro Grande, nos mostra como os sentidos e significados de ser quilombola, expressos nos modos de vida e dinâmicas de sociabilidade desta comunidade, foram preservados e fortalecidos, diante de um cenário pandêmico que, em outros contextos, fragilizou ainda mais as relações comunitárias.

No quilombo de Rio das Rãs, que possui uma forte presença de festas de várias naturezas no seu cotidiano, a restrição da realização desse tipo de atividade teve grande impacto para as pessoas. As festas religiosas, as festas com bandas ou paredão de som, os casamentos, as cavalgadas, as trilhas, os cultos, as quadrilhas juninas e todas as outras formas de celebrar, se relacionar e festejar presentes no Rio das Rãs, fazem parte do que é ser quilombola daquela comunidade. A ausência da escola como esse espaço privilegiado de encontros e aprendizagens, também foi sentida pelas crianças, jovens e suas famílias. Com isso, a comunidade foi construindo localmente suas próprias formas de lidar com a pandemia a partir dos seus marcadores culturais e relacionais, fazendo concessões e construindo alternativas coletivas de cuidado, afeto, alegrias e *confluências* (Santos, 2019).

No campo da educação, destacamos que mesmo diante das fragilidades e precarização do trabalho docente, modos de reinventar a educação atrelada ao território foram construídos, contribuindo para o fortalecimento de vínculos entre escola, família e comunidade. As professoras quilombolas mobilizaram

esforços e protagonizaram a produção de saberes docentes vinculados aos saberes tradicionais e ao seu pertencimento e compromisso com as comunidades.

TRABALHO PRECARIZADO E INJUSTIÇA EDUCACIONAL: OS PRIMEIROS IMPACTOS DA PANDEMIA

Uma das muitas vulnerabilidades escancaradas durante a pandemia nas comunidades quilombolas foi a fragilidade das relações contratuais entre as professoras das comunidades e as prefeituras municipais. No território do Velho Chico, observa-se que a maioria das professoras que atuam nas escolas quilombolas ocupam cargos não efetivos, sendo contratadas de forma temporária. Essa condição implica restrições no acesso a direitos trabalhistas e insere esses profissionais em relações de trabalho marcadas pela vulnerabilidade e pela subordinação às dinâmicas da política partidária local. No município de Bom Jesus da Lapa, nos primeiros meses da pandemia, a prefeitura realizou uma demissão em massa de professoras contratadas, preservando, em geral, apenas as gestoras escolares. A elas foi atribuída a responsabilidade de organizar e enviar atividades pedagógicas, em formato impresso ou por meio do aplicativo WhatsApp, para que fossem executadas pelas famílias. Situação semelhante foi registrada em outros municípios da região, evidenciando um padrão de desresponsabilização do poder público em relação à garantia do direito à educação durante o período de crise sanitária.

No município de Serra do Ramalho, a condução ocorreu de forma diferente, os contratos temporários das professoras foram mantidos durante a pandemia. Com a suspensão das aulas presenciais, as professoras foram desafiadas a reinventar modos de fazer educação escolar para garantir o acesso às atividades pedagógicas, seja de forma remota, via WhatsApp, ou atividade impressa.

Ao longo do período de pandemia, o padrão adotado em praticamente todo o estado da Bahia para o Ensino Fundamental, foi o de entrega de atividades impressas para que os/as estudantes respondessem em casa com

o auxílio das famílias. Nas comunidades quilombolas do território Velho Chico, alguns municípios realizavam a entrega semanalmente, em outros quinzenalmente e em alguns não havia uma regularidade na frequência. Vale observar que, na maioria dos casos, havia uma diferença entre as medidas que foram tomadas para a entrega de atividades na sede dos municípios e nas comunidades quilombolas, seja do ponto de vista da regularidade de entrega, da construção de meios para orientações aos/às estudantes, bem como na distribuição de alimentos oriundos da merenda escolar. De acordo com dados apresentado no relatório “Impactos da covid-19 nas comunidades quilombolas do Território Velho”, pesquisa realizada pelo Coletivo Marilene Matos e pela Central Regional Quilombola, foi evidente o tratamento desigual no acesso à educação escolar nos territórios quilombolas, aprofundando ainda mais o abismo entre as oportunidades de igualdade e equidade educativa para as escolas urbanas e rurais.

No município de Serra do Ramalho, foi lançado no início da pandemia, em 2020, uma plataforma de atividades chamada “aprendendo juntos(as)”, esta plataforma estava atrelada ao plano de ação emergencial construído pela Secretaria Municipal de Educação, a fim de garantir o direito e acesso à educação dos estudantes em tempos de pandemia. O plano de ação intitulado “Estudos Domiciliares: enfrentamento à pandemia da Covid 19”, elaborado pela gestão municipal, tratava-se de orientações para o planejamento, execução e acompanhamento dos estudos domiciliares a serem adotados nas unidades escolares do sistema municipal de ensino de Serra do Ramalho.

Nos relatos das professoras quilombolas que vivenciaram esse período, destaca-se o desafio de utilizar as tecnologias de comunicação com fins didáticos e pedagógicos, especialmente diante das fragilidades formativas relacionadas ao uso desses recursos. Segundo elas, no início da pandemia, as atividades pedagógicas não eram elaboradas pelas próprias escolas quilombolas, mas repassadas de forma padronizada para toda a rede municipal. Cabia às escolas apenas a distribuição do material, enquanto o

acompanhamento pedagógico era realizado, de maneira limitada, por meios virtuais.

No segundo ano da pandemia, em Serra do Ramalho, as escolas passaram a seguir outra proposta de acompanhamento pedagógico por parte da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), passando a desenvolver seus planejamentos a partir das orientações do referencial pedagógico das escolas do campo multisseriadas. As professoras elaboraram as atividades nas escolas e, em paralelo, teve o desenvolvimento de um projeto integrador idealizado pela equipe pedagógica da SEMED, com o objetivo de complementar a carga horária do aluno.

“SEMPRE A GENTE GANHAVA UMA LEMBRANCINHA”: EXPERIÊNCIAS DO BARREIRO GRANDE

Em 2021, a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Serra do Ramalho propôs às escolas do município a implementação de um projeto integrador, articulado à proposta pedagógica do currículo municipal. A iniciativa tinha como principal objetivo complementar a carga horária dos estudantes, por meio do desenvolvimento de atividades vinculadas aos eixos integradores da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhecidos tanto no currículo municipal quanto na proposta pedagógica das escolas do campo em classes multisseriadas. O projeto visava promover o aprofundamento dos conhecimentos relacionados a cada eixo, explorando, de forma interdisciplinar, aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos, sociais e geográficos do município de Serra do Ramalho, com a realização de atividades extraclasse.

As atividades extraclasse foram desenvolvidas por meio de concursos, nos quais os estudantes foram incentivados a produzir conhecimentos a partir dos temas geradores propostos pelo projeto. Cada eixo temático deu origem a uma atividade específica: No eixo “Cultura Digital”, os alunos elaboraram desenhos representando as aulas antes e durante a pandemia; em “Educação para a Diversidade”, criaram toadas, envolvendo composição musical e

produção de vídeos; em “Educação para as Relações Étnico-Raciais”, apresentaram danças representando manifestações culturais de suas comunidades ou do município, registradas em vídeo; no eixo “Educação para o Trânsito”, produziram paródias; em “Educação Ambiental”, confeccionaram objetos a partir de materiais recicláveis; no eixo de “Educação Financeira para o Consumo”, produziram cofrinhos; e, por fim, em “Educação em Direitos Humanos”, desenvolveram vídeos e cordéis.

No quilombo Barreiro Grande, o projeto contou com ampla adesão das professoras e das famílias, sendo desenvolvido com as turmas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como mencionado no título desta seção, a comunidade de Barreiro Grande se destacava nos concursos, sendo frequentemente premiada com simbólicas, as “lembrancinhas”, destinadas aos estudantes que apresentavam os melhores desempenhos.

Esse projeto se destacou como uma das iniciativas mais significativas de articulação entre escola e comunidade ao longo de todo o ano letivo, especialmente por ter promovido uma prática pedagógica participativa pautada no diálogo entre professoras, estudantes e mães. As educadoras relatam, ainda hoje, o entusiasmo e a mobilização das famílias para apoiar as crianças na realização das atividades propostas pelos concursos. Segundo elas, a escola do quilombo Barreiro Grande ganhou visibilidade na rede municipal de educação, sendo frequentemente reconhecida nas diferentes categorias do projeto. Os trabalhos mais premiados foram aqueles que envolviam a produção de desenhos, toadas, danças e a confecção de brinquedos com materiais recicláveis.

No final de cada mês, as coordenações das escolas, em diálogos com as gestão e professoras, lançavam o tema do eixo integrador do projeto e as atividades a serem realizadas nas escolas. Cada professora ficou responsável por orientar as famílias a auxiliar os estudantes no processo de desenvolvimento das atividades, além de enviar no grupo de comunicação das turmas. A equipe pedagógica da escola se reunia para avaliar os melhores trabalhos e enviar para a Secretaria Municipal de Educação que era responsável

pela escolha das produções a serem premiadas. Como forma de incentivar a relação entre escola e família, a secretaria de educação enviava os prêmios para os primeiro, segundo e terceiro colocados no concurso.

Apesar de se tratar de uma atividade de cunho competitivo, os efeitos provocados no contexto da escola foram muito positivos, promovendo engajamento de toda a equipe escolar, estudantes e mães, além de proporcionar reflexões e aprendizagem importantes dentro de cada eixo proposto. Descreveremos a seguir algumas das atividades realizadas.

Uma das atividades premiadas foi a produção de desenhos retratando as aulas antes e durante a pandemia. Passados mais de três anos, não conseguimos localizar em nossos registros o desenho que um estudante da Escola da Comunidade Barreiro Grande realizou, sendo premiado com uma medalha, um copo personalizado e um certificado de reconhecimento. Porém ao dialogar com a mãe do estudante, ela nos relatou que o filho desenhou uma imagem da escola antes da pandemia, na qual tinha uma sala cheia de estudantes alegres com sua professora realizando as atividades e brincando. A imagem que representava as aulas durante a pandemia era a de uma sala vazia, uma professora com máscara e um menino em casa estudando sozinho, rodeado de atividades impressas.

As turmas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiveram como proposta fazer um vídeo dançando alguma manifestação cultural da comunidade. Na escola de Barreiro Grande, os/as estudantes, com auxílio das famílias, escolheram as manifestações de samba de roda e festa junina. As famílias customizaram as roupas para os/as estudantes, conjuntamente escolheram as músicas de forró e as chulas a serem cantadas durante a realização da dança, realizaram a gravação dos vídeos e registros fotográficos e enviavam para as professoras das turmas. Uma das estudantes da escola do Barreiro Grande ganhou o concurso apresentando o samba de roda da comunidade. O samba de roda é uma tradição cultural da comunidade que é passada de geração para geração e é composta por movimentos corporais ao som de instrumentos e cantos

próprios. É importante destacar que estes momentos de brincadeira, como as próprias sambadeiras chamam, é uma forma de apresentar a história local de forma positiva, de modo a construir uma identidade quilombola também positiva (Souza, 2015).

Foram realizadas e premiadas ainda os brinquedos feitos com material reciclável. As crianças construíram diversos brinquedos como carrinhos, bonecos com garrafas pet e instrumentos musicais utilizados no samba de roda. Todas as atividades contaram com um forte engajamento das famílias, de modo a fortalecer os vínculos familiares e a relação com a escola.

As experiências vividas no quilombo Barreiro Grande evidenciam como projetos escolares, quando alinhados às dinâmicas comunitárias e desenvolvidos com intencionalidade pedagógica participativa, podem fortalecer vínculos entre escola, família e território, mesmo em um contexto tão adverso quanto foi a pandemia da Covid-19. O envolvimento das famílias, especialmente das mães, não apenas potencializou a realização das atividades, mas reafirmou a centralidade da cultura local e dos saberes tradicionais nos processos educativos. Essas vivências demonstram que a educação escolar, quando respeita as especificidades do território e incorpora práticas colaborativas, revela-se como possibilidade concreta de afirmação identitária.

SEM A FAMÍLIA NÃO ACONTECE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIAS DO RIO DAS RÃS

No ano de 2020, as professoras do território quilombola de Rio das Rãs, vinculadas à Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, enfrentaram um período marcado por profunda fragilidade e angústia. Uma das maiores dificuldades foi garantir o sustento de suas famílias, já que 99% das docentes da instituição eram contratadas e, durante cinco meses, tiveram seus vínculos suspensos em meio ao contexto de crise provocado pela pandemia. A interrupção abrupta dos contratos, sem aviso prévio ou medidas de proteção, expôs essas educadoras a uma condição de vulnerabilidade extrema, uma ação

que pode ser considerada, no mínimo, desumana. Nesse cenário de incertezas, a subsistência foi garantida apenas pelas atividades agrícolas e pela pesca, que fazem parte da dinâmica econômica e cultural da comunidade, independentemente de vínculos formais de trabalho. Essa realidade não se restringiu a uma única escola: foi compartilhada pelas professoras das três unidades escolares quilombolas existentes no território de Rio das Rãs.

Embora ações judiciais tenham garantido o ressarcimento financeiro às professoras pelos cinco meses em que ficaram sem remuneração, essa medida reparatória não foi suficiente para apagar a humilhação e a vulnerabilidade a que foram submetidas. A suspensão dos contratos ocorreu sem qualquer aviso prévio, planejamento ou diálogo, gerando impactos profundos tanto na vida das educadoras quanto na continuidade dos processos pedagógicos nas escolas quilombolas. Esse episódio evidencia a urgência da implementação de políticas de ação afirmativa que assegurem estabilidade e reconhecimento profissional às educadoras quilombolas. Um exemplo significativo é a recente aprovação da Lei Municipal nº 773, de 26 de março de 2024, que cria o cargo de professor(a) quilombola na rede municipal de ensino de Bom Jesus da Lapa, estabelecendo que a vaga será, obrigatoriamente, ocupada por pessoas quilombolas.

No período em estávamos afastadas da escola, as atividades remotas eram elaboradas e impressas pela Secretaria Municipal de Educação e entregues aos alunos pela então diretora da escola e pela única professora efetiva do quadro de 10 docentes. A elaboração das atividades muitas vezes não era condizente com o contexto campesino e quilombola, não havia um olhar específico para nossos estudantes enquanto crianças e jovens pretos e quilombolas. Além de não contemplar as especificidades étnicas e raciais, havia incompatibilidade dos conteúdos com os níveis de aprendizagem dos estudantes.

Após a percepção de que a pandemia seria mais duradoura do que se imaginava e diante das dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem de forma remota sem a participação das professoras da

comunidade, os contratos foram retomados. Foi nesse contexto que retomamos as atividades do projeto “Resgatando Identidade”, que é desenvolvido na unidade escolar desde o ano de 2019, com o objetivo de evidenciar e valorizar as diversidades culturais presentes no território de Rio das Rãs. O referido projeto tem como base legal a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Escolar Quilombola de Bom Jesus da Lapa.

O nosso principal desafio naquele momento foi o de realizar o projeto em um contexto de afastamento social, onde a maioria das famílias não possuíam aparelhos celulares. Inicialmente foi elaborado um plano de ação a fim de estruturar a proposta pedagógica e fazer as adaptações necessárias. Foram criados grupos de WhatsApp com as famílias que possuíam celulares, de modo que as orientações eram feitas nesses grupos por meio de roteiros, vídeos e áudios. As crianças cujas famílias não possuíam celulares se juntavam em pequenos grupos na casa dos vizinhos que possuíam o aparelho e compartilhavam as orientações. Havia um professor responsável para orientar as mães e estudantes.

Cada modalidade de ensino foi responsável por uma atividade específica do projeto, considerando a faixa etária e o nível de desenvolvimento das turmas. À Educação Infantil coube o trabalho com cantigas de roda. Nessa proposta, as famílias foram convidadas a ensinar às crianças brincadeiras e cantigas que fizeram parte de suas próprias infâncias. O resultado superou as expectativas, com ampla participação e envolvimento das famílias, especialmente das mães. A atividade reforçou o espírito coletivo da comunidade, evidenciando a solidariedade, o cuidado mútuo e o fortalecimento dos laços sociais, mesmo em um contexto de distanciamento físico. Mais do que cumprir uma tarefa escolar, esse momento permitiu o resgate de memórias ancestrais e tradições compartilhadas entre gerações. Algumas mães relataram com entusiasmo a alegria de reviver e transmitir essas brincadeiras aos filhos, percebendo, com sensibilidade, as mudanças nas infâncias de hoje

em comparação com as que viveram. Foi visível a alegria das crianças e o fortalecimento do vínculo entre família, cultura e educação.

As turmas do Ensino Fundamental I ficaram responsáveis pelos brinquedos e brincadeiras que os pais e mães brincavam na infância. Essa também foi uma atividade que nos surpreendeu com a participação das famílias, dessa vez não exclusivamente das mães. Houve uma participação mais efetiva dos pais na parte de fabricação de brinquedos. Foram rememorados e construídos muitos brinquedos e brincadeiras que, aos poucos, estavam desaparecendo do contexto da comunidade quilombola. Conforme relato das famílias, aquele foi um momento de reviver e repassar para as crianças vivências que marcaram as suas infâncias, sendo fundamental para a construção de vínculos familiares e reafirmação de elementos da cultura local.

Dentre os brinquedos fabricados, tivemos carrinhos de madeira, bonecas de pano, pé de lata, brincar de cavalo de pau com pneus, brincadeira de casinha, esconde-esconde e tantas outras. Também nessa atividade, foi visível o envolvimento e alegria das crianças e das famílias.

Nossos territórios são verdadeiros museus vivos, guardiões de saberes ancestrais e de vivências específicas que, aos poucos, vêm sendo ameaçados pela desvalorização e pela imposição de formas de sociabilidade marcadas por um modo de vida centrado no indivíduo e não na comunidade, nos ideais mercadológicos e não no compartilhamento, na supremacia das tecnologias digitais em detrimento das tecnologias ancestrais. Essas formas contrastam com os modos de vida coletivos e solidários que sustentam a existência quilombola. Diante desse cenário, as famílias emergem como aliadas fundamentais da escola na retomada desses saberes e modos de viver. Quando uma criança brinca com um brinquedo feito pelo pai, pela mãe ou pelos avós, e participa da sua criação, estabelece uma conexão afetiva profunda com o ato de brincar, com o objeto e com as histórias que o acompanham. Trata-se de uma experiência simbólica e educativa que vai muito além do consumo: é memória, pertencimento e construção de identidade, elementos que não se compram prontos em prateleiras.

Por fim, as turmas do Ensino Fundamental II ficaram responsáveis pelo trabalho com as manifestações culturais do território. Para essa atividade, a proposta era que as famílias ensinassem aos adolescentes as principais manifestações culturais que fizessem parte de suas vivências. Mais uma vez, percebemos como os pais e mães são detentores de saberes que, na maioria das vezes, são invisibilizados no currículo escolar. Porém, quando são criadas as oportunidades de mostrá-los, o fazem com muito entusiasmo e dedicação. Por meio dessa atividade, descobrimos talentos escondidos, não só das mães, mas sobretudo dos jovens. No repasse, por exemplo, da capoeira, do reisado e do samba de roda, que são as principais manifestações culturais da comunidade, foi visível que a maioria dos jovens sabia, não só sambar, mas também as cantigas que acompanham o samba, o reisado e a capoeira.

Ao longo da realização do projeto, a escola passou a divulgar diariamente um card de “bom dia” com a foto de um estudante diferente, criando um espaço de acolhimento e visibilidade. A produção das imagens e das caracterizações ficou sob responsabilidade das famílias, que se dedicaram com entusiasmo a esse processo. A diversidade das fotos e a criatividade na apresentação dos/as estudantes revelaram não apenas o engajamento das famílias, mas também um movimento potente de valorização da estética negra e das identidades quilombolas. Foi visível o orgulho com que crianças, jovens e suas famílias se viam representados, reafirmando sua pertença e dignidade como sujeitos pretos e quilombolas.

A experiência vivida no território quilombola de Rio das Rãs, durante a pandemia, revela com nitidez as tensões entre a precarização estrutural do trabalho docente e a potência das práticas pedagógicas enraizadas no território e sustentadas por vínculos comunitários. A suspensão dos contratos das professoras quilombolas expôs a persistência de desigualdades institucionais que fragilizam o direito à educação nas comunidades negras rurais, ao passo que a retomada das atividades por meio do projeto “Resgatando Identidade” demonstrou que a Educação Escolar Quilombola se constrói, sobretudo, na

articulação entre saberes ancestrais, protagonismo docente e participação familiar.

Ao mobilizar memórias, práticas culturais e afetos coletivos, esse projeto reafirmou que a escola quilombola é, antes de tudo, um território de resistência, em que ensinar e aprender significam também cuidar, preservar e transformar. Assim, mais do que uma resposta emergencial à pandemia, as ações desenvolvidas em Rio das Rãs apontam caminhos possíveis para a consolidação de uma Educação Escolar Quilombola comprometida com a justiça racial, com a territorialidade e com a valorização das identidades quilombolas. Não é possível falar em Educação Escolar Quilombola sem a participação de todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um contexto histórico marcado por múltiplas crises: retrocessos políticos, negacionismo das ciências, colapsos ambientais e aprofundamento das desigualdades estruturais, todas agravadas por um modelo de sociedade centrado no individualismo e nas lógicas excludentes do capitalismo. Nesse cenário, a atuação das professoras e mães quilombolas, conforme evidenciado ao longo deste artigo, revela potências insurgentes: formas de criar, sustentar e reinventar práticas educativas a partir do território, da coletividade e da ancestralidade.

A partir dos relatos e análises aqui apresentados, observamos que os conhecimentos que foram produzidos por esses coletivos através de práticas pedagógicas territorialmente localizadas e feitas por meio de compartilhamento e *confluências* (Santos, 2019), deram os sentidos e significados necessários a uma prática educativa, demonstrando a complexidade que envolve o trabalho docente e os saberes necessários para efetivação da Educação Escolar Quilombola. As atividades padronizadas produzidas pela equipe das secretarias municipais de educação não deram conta de atender às especificidades da realidade quilombola e, muito menos,

de construir vínculos e a significação necessária para que a aprendizagem ocorresse.

Neste sentido, é importante destacar o lugar da professora quilombola enquanto conhecedora das dinâmicas locais e detentora de conhecimentos outros, além daqueles ensinados nos cursos de graduação e especialização, capazes de construir caminhos criativos e coletivos nas escolas quilombolas. Seu saber não é apenas técnico, mas também relacional e ancestral, e é a partir dessa complexidade que ela constrói práticas pedagógicas que fazem da escola quilombola um território de pertencimento e continuidade cultural.

Os efeitos da pandemia sobre os processos de ensino-aprendizagem, especialmente no que tange à alfabetização, ainda são sentidos por estudantes, professoras e famílias e, em muitos casos, dificilmente serão plenamente revertidos, visto que as condições para recomposição de aprendizagem ainda não foram efetivadas. No entanto, como demonstraram as experiências relatadas, são justamente nesses contextos de adversidade que emergem formas criativas e coletivas de fazer escola. Apesar da precariedade dos investimentos públicos e da negligência institucional, professoras e famílias seguem recriando práticas educativas comprometidas com a dignidade, a memória e o futuro de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

CRQ, Central Regional de Quilombos do Território Velho Chico. **Impactos da covid-19 nas comunidades quilombolas do Território Velho**. Documento não publicado.

DE JESUS DAMIÃO, Flávia.; ROSA DIAS, Lucimar.; GONÇALVES REIS, Maria Clarete. Existências de Crianças e Infâncias Negras: Movimentos de um Educar e Pesquisar Antirracista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 4–19, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1018>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SEMED, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta pedagógica das Classes Multisseriada da Educação do Campo**. Município de Serra do Ramalho, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia, 2019

SILVA, Givânia M. da. **Educação e luta política: no quilombo de Conceição das Crioulas**. Curitiba: Editora Appris, 2016.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação Escolar Quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação quilombola: os saberes e fazeres da Experiência Sociocultural e o Currículo Escolar. **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 4 – 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/350>
Acesso em: 14 jun. 2024.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019 [2015].